

BI

BOLETIM INFORMATIVO

200

3º trimestre 2016

Conselho
Nacional

Info

Notícias da
Associação

A propósito do livro
"Mau Tempo no Canal"
por J.A.David de Moraes

Obras na Sede

Curiosidades

Inauguração
Açores

Delegações





Nesta edição

<i>Editorial</i>	3
<i>Delegações</i>	4
<i>Obras na Sede Nacional</i>	12
<i>Conselho Nacional</i>	14
<i>A propósito do livro "Mau Tempo no Canal"</i> por J.A.David de Moraes	16
<i>Delegações</i>	18
<i>Curiosidades</i>	19
<i>Delegações</i>	20
<i>Inauguração Açores</i>	22
<i>Delegações</i>	24
<i>Info</i>	28

Residências Sênior (ERI) Casas dos Professores



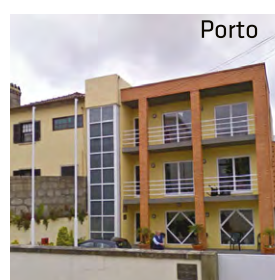
Aveiro

Rua Nova, 50, Santiago-Glória
3810-370 Aveiro
Tel. 234 373 230



Carcavelos

Rua Pedro Álvares Cabral, 150
2775-615 Carcavelos
Tel. 214 584 400



Porto

Est. Interior da Circunvalação,
3201 - 4300-111 Porto
Tel. 225 106 270



Setúbal

Avenida António Sérgio, 1
2910-404 Setúbal
Tel. 265 719 850

Delegações

AÇORES

Praça da Autonomia Constitucional, 7, Paim
9500-787 Ponta Delgada
Tel./Fax 296 286 034
d.acores@assp.pt

ALGARVE

Rua Engº Aboim Sande Lemos, 14, R/C
8000-544 Faro
Tel./Fax 289 824 822 | d.algarve@assp.pt
Casa em Pechão
Tel. 289 723 744

AVEIRO

Rua Nova, 50, Santiago-Glória
3810-370 Aveiro
Tel. 234 373 230 | Fax 234 348 446
Tlm. 963 767 425
d.aveiro@assp.pt

BEJA

Rua Infante D. Henrique,
Edif. Escola Primária N.º 4
7800-318 Beja
Tel. 284 087 018 | Tlm. 960 195 118
969 172 537
d.beja@assp.pt

COIMBRA

Travessa dos Combatentes da Grande Guerra,
3 3030-181 Coimbra
Tel./Fax 239 483 952
d.coimbra@assp.pt

ÉVORA

Rua Chafariz D'El Rei, 31
7005-323 Évora
Tel./Fax 266 709 477 | Tlm. 967 804 246
d.evora@assp.pt

GUIMARÃES

Rua Alto da Bandeira, 23
4835-014 Creixomil
Tel./Fax 253 512 369 | Tlm. 967 532 787
d.guimaraes@assp.pt

LEIRIA

Av. Combatentes Grande Guerra, 65, 1º Esq.
2400-123 Leiria
Tel./Fax 244 813 492 | Tlm. 966 260 077
d.leiria@assp.pt

LISBOA

Rua D. Dinis, 4, I 1250-077 Lisboa
Tel. 213 700 330 | Fax 213 700 338
d.lisboa@assp.pt

MADEIRA

Rampa do Forte, 2 - Santa Maria Maior
9060-122 Funchal
Tel. 291 229 963 | Fax 291 282 546
d.madeira@assp.pt

PORTALEGRE

Rua Capitão José Cândido Martinó, 1
7300-295 Portalegre
Tel./Fax 245 331 612
d.portalegre@assp.pt

PORTO - NOVAS INSTALAÇÕES

Praça General Humberto Delgado, nº 267,
salas 9, 10 e 11
4000-288 Porto
Tel. 929 030 804 (provisório)
d.porto@assp.pt
Núcleo de V. Nova de Gaia
Rua Paula Vicente, 30,
4400-243 Vila Nova de Gaia

SANTARÉM

Rua Luíz Montez Matoso, 38
2005-145 Santarém
Tel./Fax 243 322 212
d.santarem@assp.pt

SETÚBAL

Avenida António Sérgio, 1
2910-404 Setúbal
Tel. 265 719 850 | Fax 265 719 851
d.setubal@assp.pt

VISEU

Rua 21 de Agosto, Edifício Viriato, BL 5A - 1º A
3510-120 Viseu
Tel. 232 449 099 | Tlm. 925 321 167
d.viseu@assp.pt

Sede Nacional



SERVIÇOS CENTRAIS

Largo do Monte, 1 | 1170-253 Lisboa
Tel. 218 155 466 | 218 888 428
Fax 218 126 840
www.assp.pt | info@assp.pt
Seg. a Sex. 9.00-13.00h | 14.00-17.30h

O Todo e as Partes



Ana Maria Morais
Presidente da Direcção Nacional da ASSP

Ser parte é menos do que *fazer parte* de um Todo.

Fazer parte é obrigar a que o Todo seja maior do que a soma das partes.

Ser parte é ser parcela de uma soma. Fazer parte é ser multiplicador. É participar com as outras partes na passagem do Acaso à Necessidade. Fazer parte é cooperar, colaborar.

A individualidade da ASSP resulta afinal da participação das Delegações, as suas Partes, que são a pluralidade do Todo que é a ASSP.

A ASSP, pelas suas quinze Delegações dá expressão, localmente, aos conceitos que fazem da Solidariedade o valor intrínseco do Todo que é a Associação.

Cada Delegação, pelos seus actos, gera um património de saberes e experiência que integram a individualidade da Parte que é a Delegação. Cabe-lhe, no processo de interacção com as outras Partes, Delegações, partilhar, discutir ou

adoptar o que de melhor resultou, o que mostrou mais eficácia na procura de melhorar a qualidade de vida dos Professores, na sua área de influência.

É trabalho de total empenho. Empenho que determina a libertação de menores questões de tesouraria ou de importantíssimos problemas emergentes em cada ERPI.

A mudança que agora é sentida e vivida como imperiosa, procura dar liberdade a cada Parte, cada Delegação, para ser mais o Todo e por essa via levar à adesão de novos Associados, para que o Todo cresça, se renove e consiga encontrar novos benefícios para os Professores, em todos os momentos do seu Ciclo de Vida.

Quando este objectivo for conseguido ter-se-á dado realidade ao pensamento que ditou a estrutura da Associação desenvolvendo-se em Delegações: Pensar Globalmente, Agir Localmente.

E porque Agir pode ser uma forma de pensamento, também o Todo será pensado pelas Partes.

Ana Maria Morais

Ficha Técnica

DIRECTOR

Ana Maria Morais

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo do Monte n.º 1 - 1170-253 Lisboa

Tel. 218 155 466 / Fax 218 126 840

info@assp.pt / www.assp.pt

PROPRIEDADE

Associação de Solidariedade Social
dos Professores

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria Margarida Sousa

CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Sandro Costa

IMPRESSÃO

Finepaper - Rua do Crucifixo, n.º 32 - 1100-183 Lisboa

REDACÇÃO

Largo do Monte n.º 1 - 1170-253 Lisboa

assp.comunicacao@gmail.com

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS ASSOCIADOS

Inscrição na DGCS 11 1841/86

Depósito Legal 36086/90

Número Avulso 0,50 €

Assinatura anual solidária 10,00€

Tiragem (n.º exemplares) 10 500

NOTA

A adopção do Novo Acordo Ortográfico é da responsabilidade dos autores.

A Beleza e simplicidade da Casa Mariense



A realidade habitacional da ilha de Santa Maria individualiza-se no conjunto das restantes ilhas do arquipélago dos Açores pela homogeneidade formal e tipológica do seu casario. Os modelos de casas foram sendo gerados com uma ligação elementar ao campo e à natureza num respeito mútuo evidente. A diversidade morfológica da ilha nunca foi impedimento para se edificarem as casas que, não sendo construídas ao acaso, se foram dispendo na paisagem, humanizando-a e definindo-a de forma singular, como se de um presépio se tratasse, em tamanho real.



A chaminé da casa típica mariense constitui um elemento arquitectónico de singular beleza e tipicidade.

Existem diferentes tipos que se podem sintetizar em dois modelos: a *chaminé em cunha*, também conhecida por *chaminé de mãos postas*, constituída por quatro paredes de base rectangular, ligeiramente afunilada no topo. A outra chaminé mariense é a designada *chaminé a vapor* ou *de vapor*, cuja base assume forma de pirâmide quadrangular ou forma cilíndrica, rematada pela tampa de abas salientes com elementos decorativos que se dizem de inspiração algarvia. Contudo, esta semelhança tem sido alvo de alguma controvérsia, como se pode confirmar pela opinião de Daniel de Sá "as chaminés de Santa Maria raramente se assemelham às do Algarve, [...] nestas, a finalidade estética sobrepõe-se normalmente à funcional. Em Santa Maria, porém, as chaminés [...] generalizaram-se por ter sido provada a excelência do seu funcionamento."

Corroborando do pensamento de Ricardo Martins de Freitas partilhamos o seu sentir "Nos termos em que a UNESCO define Património da Humanidade se encontram as qualidades intrínsecas da Casa Típica de Santa Maria.

Memória viva de um modo de estar e de ser. Memória do Mundo [...]. Quando mais nada se queria que dar tecto a famílias de fracos recursos, da modéstia se fez primazia e se tornou o mundo um lugar melhor. Quem definiu as Casas Típicas definiu as gentes que nelas cresceram. E esse mundo único, não devia correr o risco de acabar. E é fácil...simples...como as próprias Casas o são.

Um quarto de século da Delegação do Algarve comemorando com passeio pela Ria Formosa

Comemorando mais um aniversário da nossa delegação (ASSP – Algarve), realizou-se no dia 19 de Junho de 2016 o agradável passeio que passo a referir.

Às nove e meia conforme combinado, estávamos no Cais de Olhão para iniciarmos o percurso.

O barco acolheu os 70 passeantes que se dispunham a apreciar os diversos aspectos que esta Ria Formosa tem para nos oferecer: é um espaço maravilhoso que, além da sua beleza natural, também é animado aqui e ali pelo esvoaçar das gaivotas e outras aves marinhas que nela se abrigam.

O dia estava lindo, o sol brilhava no seu esplendor, deixando o céu e a ria bem azuis.

Tal como programado, o nosso barco lá ia seguindo a sua rota, aproximando-se da bela ilha do Farol, ufana e vistosa. Não havia dúvida de que estava à nossa espera e era a primeira a ser visitada.

O desembarque foi rápido e para alguns a estadia demasiado curta, outros houve porém que conseguiram ainda dar um belo mergulho.

O passeio proporcionou a todos uma bela vista da praia e, das habitações que povoam a ilha nos belos dias de Verão! Valeu a pena! Invertemos a marcha em direcção ao centro da ilha da Culatra, à Culatra propriamente dita, aldeia de pescadores, onde nos esperava o almoço.

A Culatra, pelo que observei, apresenta-se agora também como local de lazer, já que os turistas e

até os residentes a elegeram como tal. Basta-nos reparar nos iates que à sua volta estão estacionados.

Surpreendeu-me a evolução tão visível: nas casas e nas ruas tudo está mais cuidado e bonito, reflectindo também os interesses da sociedade local, agora talvez mais dedicada à pesca numa interacção histórica e natural da pequena povoação que ali nasceu e cresceu graças ao trabalho dos pescadores que lá vão vivendo e progredindo.

O almoço reflectiu também a tradição daquela zona da ilha da Culatra. O belo e fresco marisco ali pescado com as tradicionais artes de pesca artesanal e que cozinhado de maneira simples continua a ser uso corrente.

Mas o passeio não terminava ali. Havia ainda que ir até à ilha da Armona, que seria a última a ser visitada, e, como a tarde ia avançando rapidamente, era urgente prepararmo-nos para regressar.

Mais uma voltinha até ao “passeio fluvial” e o regresso aconteceu.

Dali até à Armona fomos apreciando a paisagem nas suas duas perspectivas: a marítima e a terrestre, um perscrutar de horizontes entre a serra algarvia e a Ria Formosa. E assim, quase sem darmos por isso, atracámos na bela ilha da Armona.

Era a última visita programada. Um pequeno passeio, um mergulho para alguns, um café no “Tolinhas” – típico restaurante da ilha – e já se impunha o regresso, pois ainda tínhamos uma surpresa a bordo. Regressámos à embarca-

ção e rumámos até ao «T», o porto de Olhão.

Nesta breve travessia ainda houve tempo e espaço para cantar os “Parabéns a Você”, apagar as velas de um belo bolo e brindar à nossa Associação (ASSP).

Estando presentes todos os elementos da nova direcção da delegação do Algarve, não podíamos deixar de brindar também ao seu entusiasmo e ao sucesso deste mandato.

Foi deste modo que terminou esta viagem, pequena mas inesquecível pela beleza, pelas surpresas e, em especial, pela companhia. Ficará este dia na memória de todos os viajantes, estou certa. É bom reviver cada momento interessante daquele belo de convívio, com a certeza de que só nos fez bem ao corpo e ao espírito.

Isaura Neto
Associada nº 15997





Abraço da ASSP em Milheirós de Poiares

No palco, lado a lado, olhavam como se vissem as memórias de repente ali presentes. Um sorriso sereno acolhia as palavras de louvor que os reconfortavam. Não estavam num palco, eu diria que estavam num pódio e recebiam o justo prêmio pelas vitórias alcançadas.

Foi assim a homenagem a dezenas de Professores do I Ciclo e Educadoras aposentados, que cada vez mais se justifica, pela justiça que se faz, pela riqueza alcançada e que nos permite perceber o presente e preparar o futuro.

A Escola precisa deste encontro de narrativas arrancadas com saudade, com encanto e sabedo-

ria - a Escola que antes era e que sentia o problema do acesso generalizado, da igualdade de oportunidades; a Escola que agora é e que sofre com uma massificação para a qual procura ainda encontrar respostas; a Escola que será e que se debaterá com paredes que já hoje não fazem sentido, com divisões e níveis obsoletos, com a necessidade de atender e valorizar individualmente cada inteligência que é, cada vez mais, múltipla.

E a Rita, ali, justamente radiante, para receber um prêmio por ter criado do alto da sua diferença um poema que nos maravilhou, provando que a inclusão faz todo o sentido na Escola, sem dúvida.



Leitura do poema da autoria de Rita Azevedo, uma das vencedoras do concurso de poesia

Homenagem aos professores, poesia e fotografia, um feliz abraço promovido pela Associação Abraçar Milheirós de Poiares e que a ASSP tornou ainda mais caloroso, oferecendo livros aos vencedores!

Jaime Ribeiro

Relembro com saudade, o tempo que vivi, rodeada de crianças, quando trabalhei como professora, na escola de Milheirós de Poiares, concelho de Santa Maria da Feira. Foram 44 anos de convívio tão amigo, tão sincero e acolhedor, que me levava a ter, pelo meu trabalho, um amor inexplicável. Sempre dizia, querer ser professora dos pequeninos, trabalho nada fácil, naquele tempo. Ainda não havia pré-primária

Excerto do testemunho de uma das professoras homenageadas, Arlinda Vilano

Venha Conhecer Ferreira do Alentejo

**Ferreira do Alentejo,
Tens umas áreas tão boas!
Tens um lindo entroncamento:
Algarve, Beja, Lisboa.** *(popular)*

No cruzamento de várias estradas que conduzem os viajantes do Alentejo para vários destinos, fica esta vila que, segundo a tradição, teve origem na cidade romana de Singa.

Sede de um vasto concelho essencialmente agrícola, Ferreira do Alentejo vive, na atualidade, um significativo desenvolvimento agroindustrial que lhe advém das culturas de regadio que beneficiam da água da barragem de Alqueva. Ainda se pratica a agricultura de sequeiro (cereais), mas é no olival, na vinha, no girassol, no melão, no tomate, no milho e, recentemente, na papoila que se regista a maior atividade.



Matriz

A par da agricultura, Ferreira do Alentejo cresceu urbanisticamente e criou infraestruturas de âmbito cultural, desportivo e de lazer, que se estendem por todo o concelho.

Tendo comemorado recentemente os 500 anos do Foral outorgado por D. Manuel I,

Ferreira do Alentejo preocupa-se com o seu património histórico, como se pode constatar em visita aos polos museológicos ou às igrejas de N. Sra. da Conceição, Matriz, igreja da Misericórdia e capela do Calvário, cada qual com a sua história e

particularidades que, pelo estado de conservação, refletem a atenção dos responsáveis por estes lugares.

Mas uma viagem a Ferreira do Alentejo não ficaria completa sem a ida ao Lagar do Marmelo (Oliveira da Serra), o maior do país na produção de azeite, onde há a destacar a sua moderna arquitetura, o laboratório e áreas culturais para eventos e visitas guiadas.



Ainda dentro do concelho, poderão ser visitados



outros lugares de grande interesse: a albufeira de Odivelas, a ponte romana em Alfundão, a típica aldeia de Peroguarda, onde está sepultado o grande etnomusicólogo Michel Giacometti, a **c é r r i m o** investigador e

divulgador da música popular portuguesa, onde se distingue o Cante Alentejano.

Augusto Caetano



Interior da Igreja de N. Sra. da Conceição

Capela do Calvário



A nossa "sardinhada"



Havia que dar ao nosso final de ano um ar alegre e feliz, a condizer com o espírito que presidiu a esse período de tempo na nossa Delegação.

Escolhemos para o efeito o dia 17 de Junho, um meio termo entre Sto. António e S. João para contentar os dois santinhos.

Na véspera, receámos que o tempo não fosse nosso aliado, mas o que é certo é que S. Pedro não quis deixar de completar a tríade dos santos populares e presenteou-nos com um dia fantástico. Era então hora de deitar mãos à obra e decorar o nosso jardim que logo ficou todo engalanado com festões e balões coloridos, a condizer com as flores que nesta época do ano embelezam o nosso espaço. As mesas, para sentar mais de 50 pessoas cobertas com toalhas brancas tinham pequenos espaços vagos para os vasos de manjericos que exalavam um perfume deveras agradável.

Enquanto uns se encarregavam destas tarefas mais decorativas, na cozinha preparava-se a ementa. A responsabilidade destes preparativos ficou a cargo da Maria José e da Noémia que nestas alturas vêm sempre dar a sua ajuda. A preparação do assador e da assadura das sardinhas deveu-se ao Sr. Aníbal que já montou eventos semelhantes. Nunca falta.

Para acalmar os comensais foi servido um belo caldo verde, acompanhado de broa, azeite e chouriço. Enquanto isso, o cheiro da sardinha assada começava a encher o ar e estimulava o apetite dos presentes. Em breve foram chegando às mesas, acompanhadas de batatas cozidas com a pele e saladas.

À sobremesa todos podiam saborear o arroz doce, o leite creme e a fruta.

Claro, que tudo foi acompanhado com vinho do Dão e outras bebidas que o colega António Direito não deixava faltar.

Por fim, a surpresa.

O nosso colega António Ralha começou a dedilhar a sua guitarra. Acompanhado pelos seus e nossos amigos, todos professores, foram elevando no ar as suas vozes e fez-se silêncio. É a canção de Coimbra que comove quem a ouve.

Não deixámos de cantar quando a "samaritana" foi entoada. Que maravilha!

A festa chegava ao fim. Foi um dia fantástico.

Está prometido — vamos repetir.

Patrimónios da Cultura Científica

"Por que têm os Homens dois olhos?" Assim começa uma conferência dirigida ao grande público, em 1867, pelo físico Ernst Mach.

Trata-se de alguém desconhecido de muitos de nós mas muito influente na formação científica de grandes físicos do século XX, nomeadamente de Einstein.

Comemoram-se este ano os 100 anos da sua morte. Vale a pena lembrá-lo e divulgá-lo, tanto mais que foi um grande cultor da educação, nomeadamente no que diz respeito às suas práticas como professor e na valorização da educação científica numa época dominada pela educação clássica. A leitura daquele texto força o desejo da experiência da visão estereoscópica, cumprindo a ideia de que aprendemos quando alargamos a nossa experiência do mundo. O estereoscópio era corrente nas casas abastadas da segunda metade do século XIX, fez parte dos currícula de Física em Portugal nos princípios do século XX, e esteve no cerne de algumas revoluções estéticas e paradigmáticas dos finais do século XIX. Alguns autores sugerem ter estado na origem da revolução estética de Cézanne. Este objecto utiliza duas fotografias planas tiradas a partir de pontos próximos. São dois fragmentos planos, por exemplo de

uma paisagem, e que por termos dois olhos nos proporcionam uma experiência de penetração na paisagem, de imersão virtual, como hoje diríamos. Cézanne revolucionou a pintura fragmentando o espaço e multiplicando os pontos de vista. E é também a multiplicação dos pontos de vista que está no cerne das perspectivas educativas de Mach. A visão estereoscópica e o estereoscópio, personagens principais da sua narrativa, são metáforas inspiradoras na integração de natureza e cultura: "change man's eye and you change his conception of the world". Mas se

asas expostas pela primeira vez à luz do dia e em pleno ar. Como vê ele o mundo e como o experimenta?

Muito haveria a dizer sobre a mundividência de Mach mas ela pode ser de certa forma entrevista neste pequeno fragmento (1882): "(...) we can foresee that the rigid walls which now divide man from the world will gradually disappear; that human beings will not only confront each other, but also the entire organic and so-called lifeless world, with less selfishness and with livelier sympathy".

Estas palavras poderiam ter sido escritas por algum pensador ambiental dos nossos dias. Mesmo confrontados com um mundo em desordem, estas



os olhos não podemos mudar, multipliquemos os pontos de vista da nossa mente: "o nosso amor pela natureza é inventivo". No texto referido, Mach confessa que se fosse dotado para escrever romances os seus heróis seriam animais, e dá como exemplo um besouro no seu quinto ano de vida com as suas recentes

ideias têm o poder de nos ajudar a desenvolver ligações imaginativas, equilibradas e sensíveis com o mundo.

Mariana Valente
Professora da UE

Grupos GEPE

(Grupos de Entre ajuda
para a Procura ativa de Emprego)



GEPE

Grupo de Entreaajuda para a Procura de Emprego

Os Grupos de Entreaajuda na Procura de Emprego – GEPE são grupos informais de pessoas desempregadas, que se reúnem semanalmente, em sessões de 90 minutos, e cujo objetivo é a procura ativa de emprego, na qual todos os membros do grupo colaboram e se entreaajudam. A rede GEPE é, deste modo, um projeto inovador que pretende apoiar desempregados.

Através da dinâmica de entreaajuda em grupo, metodologia adaptada de outros contextos de autoajuda, procura-se ultrapassar a desmotivação, o isolamento e a tendência depressiva a que o desemprego muitas vezes conduz. Com o apoio de um facilitador/animador, o grupo focar-se-á na procura ativa de emprego para os seus membros, tendo cada um deles a função de apoiar os restantes nessa missão. Com uma atitude positiva e um enfoque proativo sobre o mercado de trabalho é também uma experiência de solidariedade e de dádiva entre os próprios desempregados.

Os GEPEs não têm empregos para oferecer, não têm subsídios para distribuir, nem são uma solução mágica para todos os

problemas dos desempregados. Mas podem ser o início da solução, proporcionando a cada membro uma ajuda e oportunidade de ajudar outros com problemas similares.

A Delegação de Guimarães decidiu juntar-se a este projeto, no âmbito de uma ação local do Contrato Local de Desenvolvimento Social (CLDS), coordenado pela Associação Sol do Ave, sediada no nosso concelho. Desta forma, disponibilizou dois técnicos para receberem formação e dinamizarem grupos GEPE na sede da ASSP, ou seja, para assumirem o papel de animadores / facilitadores de grupos.

Os GEPE destinam-se a pessoas desempregadas que queiram livremente participar nesta dinâmica de apoio a outras pessoas na procura ativa de emprego, beneficiando desse mesmo apoio de forma recíproca.

A participação é gratuita, mas exige um compromisso de presença regular e contributos para o enriquecimento das reuniões, nomeadamente na pesquisa de oportunidades de trabalho que se adequem a membros do seu grupo.

Este desejo de participarmos nesta atividade, é também uma forma da ASSP poder apoiar professores em situação de desemprego ou em situação de precariedade laboral, problema que, infelizmente, se tem vindo a alargar neste grupo profissional, e ao qual estamos atentos.

ESTÁ DESEMPREGADO/A?

Acha que pode ajudar e ser ajudado?

Faça parte de um grupo de pessoas que se ajudam umas às outras na procura de emprego.



Desta forma, e no seguimento da formação recebida pelo Instituto Padre Antônio Vieira, nas instalações da Associação Sol do Ave, a ASSP tornou-se entidade anfitriã deste projeto.

Já começamos a divulgar esta iniciativa e a receber inscrições para a criação do primeiro grupo GEPE, na sede da ASSP, que arrancará no início do mês de Setembro. O nosso grupo irá funcionar semanalmente às terças-feiras, da parte da manhã. Ajude a divulgar esta iniciativa.

dia 22/11
às 15.00h

Mosteiro de Santa Maria da Vitória - Batalha

UMA PROMESSA – UM MOSTEIRO

Monumento Nacional desde 1907 e Património Mundial da UNESCO desde 1983, o Mosteiro foi mandado edificar por D. João I, para cumprir o voto feito à Virgem Maria, na véspera da Batalha de Aljubarrota (14 de agosto de 1385): mandar construir uma "casa de oração", em caso de vitória.

Expoente máximo do gótico em Portugal, também aqui podemos encontrar a génese do denominado "estilo Manuelino", nas bandeiras das arcadas do Claustro Real, bem como no arco do portal das Capelas Imperfeitas, obras de Mestre Mateus Fernandes.

Neste espaço conventual viveram até 1834 os Frades Dominicanos, ordem mendicante dedicada à pregação.

Mosteiro de Santa Maria da Vitória - Batalha

OS PANTEÕES RÉGIOS - PODER E MEMÓRIA

D. João I decidiu fazer aqui o panteão para si e seus descendentes, encomendando a obra a Mestre Huguet. Hoje jaz, na Capela do Fundador, a *Íncrita Geração* – D. João I e D^a. Filipa de Lencastre e quatro dos seus filhos: D. Pedro, D. João, D. Fernando e D. Henrique, O Navegador. No final do séc. XIX foram trasladados para esta capela os restos mortais de D. Afonso V e D. João II.

As Capelas Imperfeitas, mandadas construir por D. Duarte como novo panteão, nunca foram terminadas; nelas conjugam-se elementos dos estilos gótico, manuelino e renascentista.

O CLAUSTRO REAL E A SALA DO CAPÍTULO

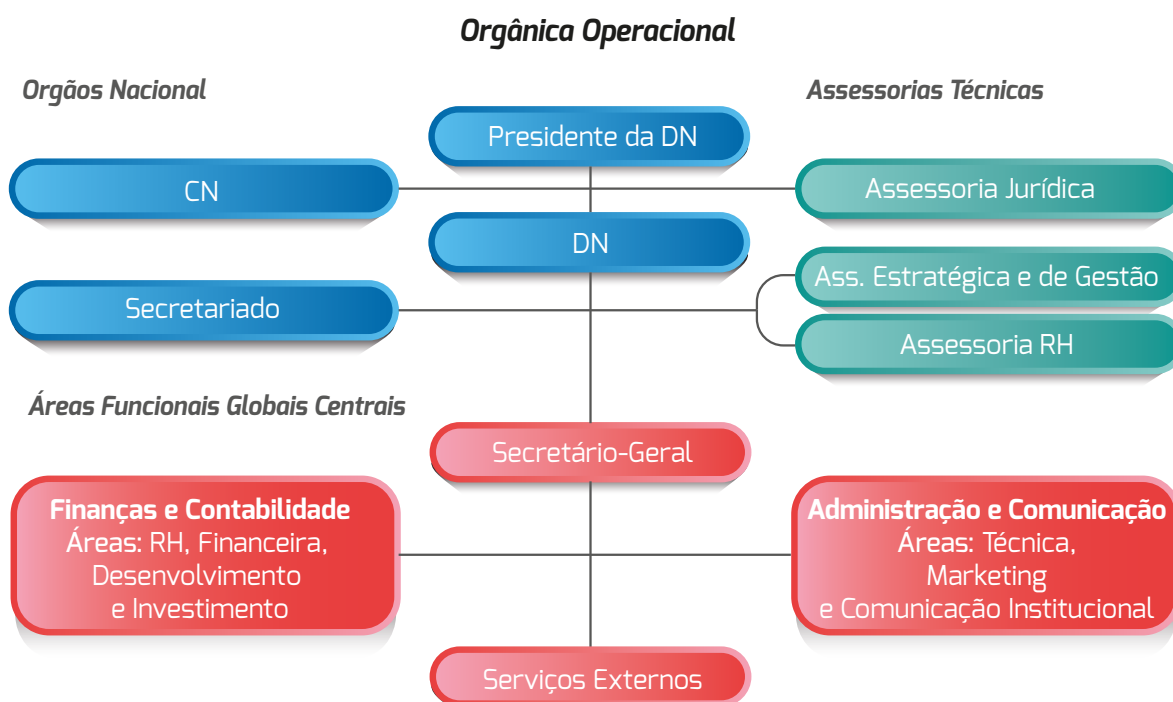
O Claustro de D. João I ou Claustro Real é o único que fazia parte da planta inicial do Arquiteto Afonso Domingues. Mais tarde outros três seriam construídos, restando apenas aquele e o Claustro de D. Afonso V.

Concluída por Mestre Huguet, a Sala do Capítulo, construída sem um único pilar central, permanece como um verdadeiro e impressionante desafio técnico para a época. Nesta Sala, encontram-se sepultados, desde 1921, dois Soldados Desconhecidos da 1^a Guerra Mundial.

Joaquim Ruivo
Diretor do Mosteiro da Batalha

Obras na Sede Nacional

A nova orgânica dos Serviços Centrais e o estado em que se encontrava a Sede Nacional determinaram algumas intervenções de construção civil e de arranjo de interiores no edifício do Largo da Senhora do Monte.



A Sede Nacional carecia das condições necessárias para que se pudesse ali trabalhar com um mínimo de conforto e funcionalidade.

Na medida em que o edifício se apresenta desgastado, por falta de manutenção, a Direcção Nacional decidiu fazer uma pequena intervenções que possam travar a degradação em curso.

O acesso à internet no 1º andar era quase impossível e, no r/c, muitas vezes, acontecia o mesmo.

Não havia gabinetes de trabalho para alojar quem precisasse de trabalhar.

A cozinha - onde os funcionários tomam as suas refeições diariamente - estava num estado lamentável.

As obras da Sede Nacional exigiram um enorme esforço a quem teve de lá trabalhar debaixo de muita poeira, sujeito a grande ruído e no meio de muita confusão.

A resiliência dos funcionários esteve à altura das necessidades.



Uma vez passado este verdadeiro ciclone, já cada um tem um lugar bastante mais funcional do que o anterior o que permite o desempenho das suas tarefas em ambiente mais agradável.

A reorganização dos Serviços Centrais exigiu criarem-se, sempre que possível, espaços adequados.

No Rés-do-chão, para além da cozinha - toda remodelada - manteve-se a sala de recepção que aguarda uma hipótese de embelezamento.

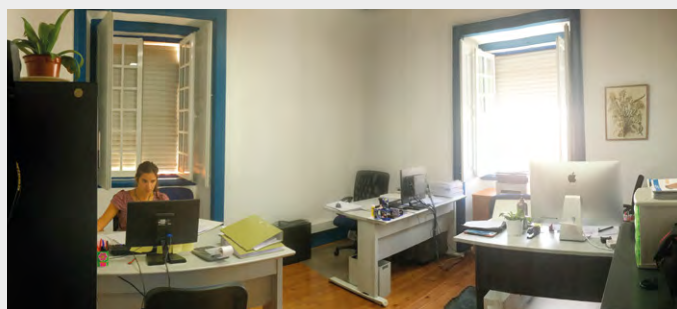


Na sala dos Serviços Administrativos ficaram apenas a trabalhar a D. Deolinda Simões e a D. Maria de Deus Matos num espaço amplo e claro onde foi ainda criado um posto de trabalho polivalente.

O gabinete, ocupado até agora pelo Dr. Eduardo Algarvio, passou a ser o espaço do Dr. Fernando Ferreira, actual Responsável dos Serviços Administrativos, recentemente contratado.

No 1º andar fizeram-se bastantes alterações.

O quarto de cama situado junto às instalações sanitárias é a actual Sala da Contabilidade e da Comunicação (Catarina Ruel, Gonçalo Lopes e Sandro Costa); a salinha contígua continua a albergar a Assessora dos Recursos Humanos (Dr.ª Maria João Martins) assim como, quando necessário, os elementos da empresa de contabilidade que nos visitam regularmente.



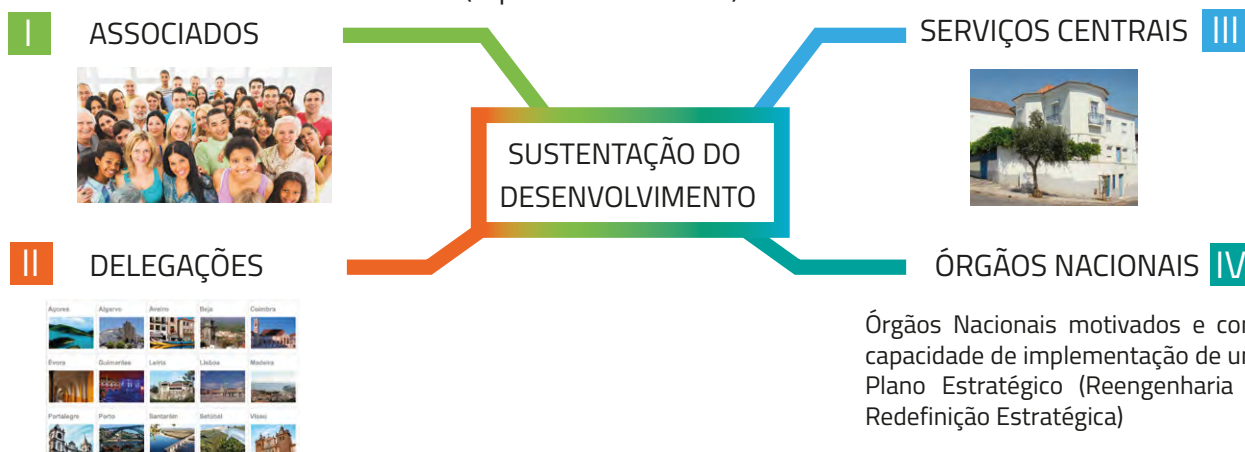
A chamada Sala de Reuniões passou a ser o gabinete do Dr. Eduardo Algarvio. A Sala do Presidentes é a actual sala da Presidente da DN e do Assessor Mário Grosso. Finalmente a sala onde era servidos os almoços passou a sala de trabalho da DN.



No último Conselho Nacional, a Direcção Nacional, pela voz da sua Presidente, apresentou um primeiro esboço do trabalho que tem vindo a efectuar, para a definição de um Plano Estratégico.

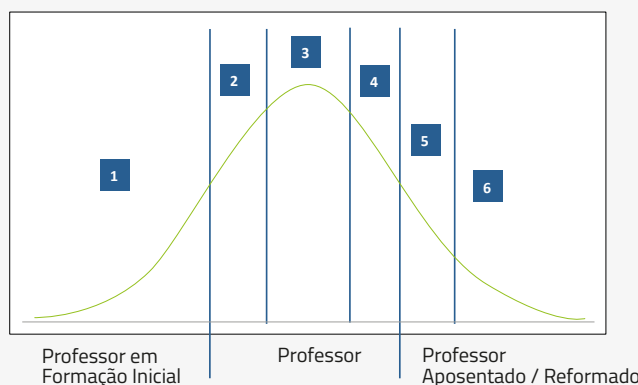
A DN parte da convicção que as bases para que se adapte a estratégia da ASSP às necessidades dos Professores, em geral e dos Associados em particular existem e são sólidas.

BASES PARA UMA NOVA OFERTA (Hipótese de trabalho)



Conforme previra no seu Plano de Acção, a DN, após análise da situação dos Professores, concluiu que o ciclo de vida dos docentes pode ser sintetizado como está patente no seguinte quadro.

ANÁLISE DO CICLO DE VIDA DO PROFESSOR Análise conceptual - (ilustrativo)



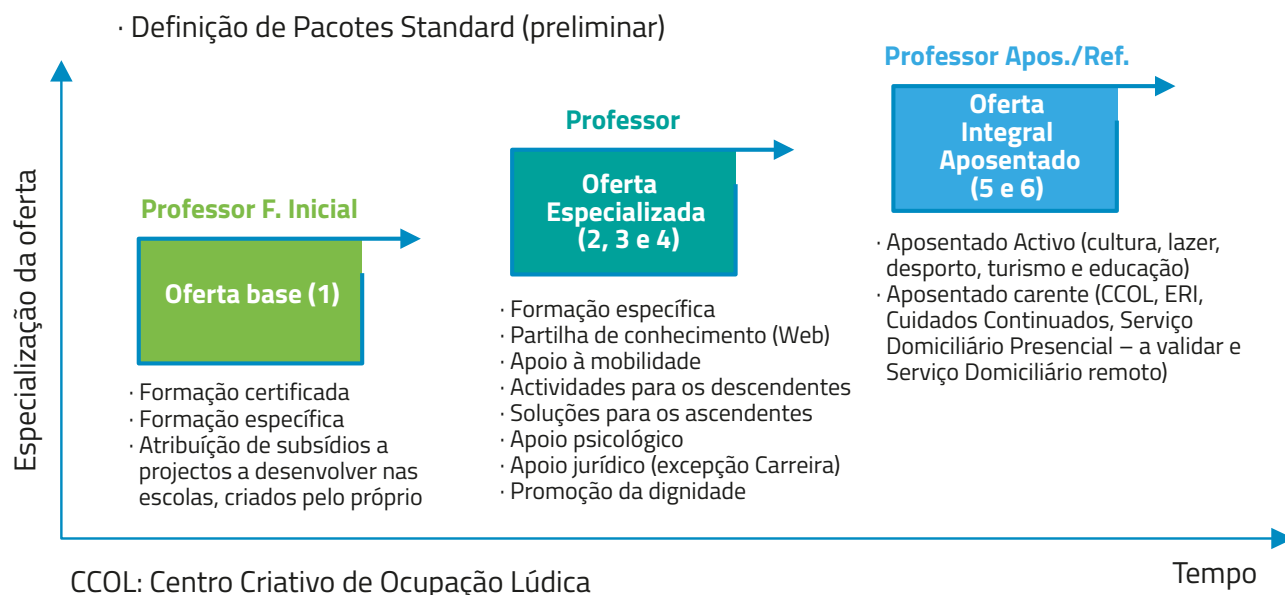
- | | |
|-------------------------------------|--|
| 1 Formação Inicial | 4 Doença Profissional
Burnout
Depressão |
| 2 Instabilidade profissional | 5 Aposentado activo |
| 3 Estabilidade profissional | 6 Aposentado carente |

A DN considera ainda como fundamental que

a ASSP tenha uma oferta de serviços suficientemente ampla para cobrir as várias necessidades do Ciclo de Vida do Professor, assente numa oferta muito cuidada e específica, (nalguns casos em parceria), que constitua o factor diferenciador face às demais alternativas e que permitirá atrair os Professores, que se transformarão, progressivamente, em Associados.

Para atingir este objectivo a DN sugere uma estrutura da oferta da ASSP adaptada ao Ciclo da vida dos Professores, através da definição de pacotes específicos.

ESTRUTURA DA OFERTA ADAPTADA AO CICLO DE VIDA DO PROFESSOR



Considera ainda que todo o esforço deve visar o enfoque no serviço ao Professor.

ENFOQUE NO SERVIÇO AO PROFESSOR

Hoje

Futuro

Enfoque em actividades de captação, vinculação e retenção

- Dinamização e acompanhamento junto dos Associados limitados às Delegações mais activas

- Dinamização junto dos segmentos alvo através de contacto telefónico e presencial com base em listagens por escola.
- Contratualização entre as Delegações com toda a Associação através da Direcção Nacional, do número de novos Associados a angariar por trimestre

Estrutura de gestão com maior proximidade

- Não está formalizada a articulação entre a gestão de topo e as Delegações e ERI
- As Delegações e ERI têm tido uma gestão comum

- Maior aproximação da gestão de topo às Delegações e ERI, de forma a estar mais próxima das especificidades regionais
- Há vantagens em autonomizar a gestão das Delegações e das ERI

Modelo de relação adaptado a cada segmento

- Não existe uma oferta segmentada de acordo com a tipologia do Professor

- Criação de pacotes para segmentos distintos, consoante o ciclo de vida do Professor

Ferramentas de apoio

- Há um défice de ferramentas de apoio à actividade de captação, vinculação e retenção
- Ausência de uma base de dados dos Professores

- Melhoria das ferramentas actuais e criação de outras que potenciem a dinâmica da ASSP
- Sistema de informação estatística, agendas, listagens, como suporte da actividade
- Construção de uma base de dados dos Docentes não Associados

Monitorização

- Não existe qualquer seguimento periódico da execução do planeamento

- Monitorização sistemática do desempenho do planeamento, através de informações periódicas

A propósito do livro “Mau Tempo no Canal”,

de Vitorino Nemésio



“*Mau Tempo no Canal*” – obra maior desse insulano-continental que se chamou Vitorino Nemésio – tem sido esquadrihado sob vários ângulos, mas, surpreendentemente, o leitmotiv de uma parte importante do livro e o factor determinante do seu final, a peste bubónica, não adregou concitar o interesse dos críticos literários. Por exemplo, numa recente análise do romance nemesiano são evocados “17 pilares” da obra, mas, curiosamente, a peste, que lhe confere um carácter único na produção ficcional portuguesa, é simplesmente olvidada.¹

Partindo de uma realidade epidemiológica concreta (os Açores foram a derradeira região da Europa a conseguir erradicar a última pandemia de peste, conhecendo as Ilhas dois acúmens ainda em 1931 e 1932 – Fig. 1),² Vitorino Nemésio estrutura o seu romance com base na personagem Margarida Clark Dulmo, uma jovem inconformada com o cinzentismo societário local, e que alimenta a esperança de se poder expatriar para Inglaterra, com a ajuda do seu tio Roberto Clark, residente em Londres, cuja visita é ansiosamente esperada no Faial. Todavia, Margarida não conseguirá escafeder-se do “*azorean torpor*” porque Roberto Clark viria a falecer, vitimado por aquela pestilência.

O ciclo evolutivo da peste implica a presença do bacilo *Yersinia pestis*, que tem os ratos como reservatórios e como agentes transmissores as suas pulgas: quando os ratos infectados morrem, as pulgas abandonam os seus cadáveres e procuram outro refúgio, designadamente no homem, transmitindo-lhe a doença. Ora, os ratos nos Açores são bastante prolíferos, quer pela ausência de predadores naturais, quer porque os solos vulcânicos lhes fornecem bastos abrigos. Vitorino Nemésio, pela boca do seu personagem o Intavante, um baleeiro da Ilha do Pico, sentenciava: “(...) *Este chão das nossas ilhas, graças a Dês, é todo roto! É bum pa’ pombas e pa’ ratos* (...)”.

E, aquando da morte de Roberto Clark, o criado Manuel Bana exclamou: “(...) *Quem é qu’ haverá de dezer qu’ o alma do diabo de ua pulga, úa coisa qu’um home esmicha c’ua unha, haverá de matar aquêl senhor!...* (...)”

Historicamente, a primeira epidemia de peste ocorreu nos Açores poucas décadas após o início da sua colonização. Recordemos que, em “(...) *Outubro de 1522, Vila-franca do Campo [ilha de São Miguel], então residência do donatário e sede do govêrno, foi agitada por violento sismo. Em seguida correram sobre ela os materiais de um monte, que se*

desprendera dos seus fundamentos, e arrasaram-na, convertendo-a em vasta necrópole.(...)”³ Depois, “(...) *uma inundação de lama mais aumentou os danos. Calculou-se em 5.000 o número de vítimas, número este provavelmente exagerado*. (...)”⁴ Escassos meses depois deste dies *irae*, abateu-se desapiedadamente sobre a Ilha uma tremenda epidemia de peste bubónica, que se prolongou até 1531.

Os surtos epidémicos de peste a que se reporta o romance de Vitorino Nemésio, na primeira metade do século XX assumiram, por vezes, uma acuidade rara, tendo sido mesmo necessário enviar do Continente para a Ilha Terceira, em 1908-1909, uma missão sanitária chefiada pelo insigne bacteriologista do Porto, Sousa Júnior, centrando-se a campanha de erradicação grandemente no exterminio dos ratos: “(...) *A campanha raticida tem excedido toda a expectativa, [...] havendo ja espalhados pela ilha caçadores eximios n’este novo sport*. (...)”⁵



Em São Miguel, as autoridades sanitárias incentivaram a caça aos roedores gratificando os seus capturadores em função do número de caudas apresentadas. Mas a medida assumiu contornos facetos: "(...) É doloroso verificar, como sintoma de ganancia, absolutamente generalizado nos tempos que correm, e auzencia de espirito de solidariedade social, que as populações apenas se determinem á caça do rato, (...) impelidos pelo estímulo do dinheiro e que se tenha de pagar carne de rato (...) pelo preço de carne de vitela de primeira qualidade. (...) Na freguesia da Relva foi necessário pagar os ratos a seis centos e vinte e cinco reis cada um – carne sem duvida mais cara do que a da tenra e apreciada vitela. (...)”⁶

Vitorino Nemésio cerziu a sua obra com base na pestilência ocorrida nos

Açores no decurso da I Grande Guerra. Na Ilha do Faial, a epidemia assumiu, por vezes, proporções inusitadas: "(...) Passavam-se casais atacados de peste, casebres queimados por ordem do delegado de Saúde depois de outro foco pneumónico. (...) Na freguesia do Salão [concelho da Horta] aparecera um rapaz com um grande bubão no sovaco (...). Depois começou a cuspir uma aguadilha ferrugenta [forma pneumónica da peste] e, em três dias, foi-se. A mãe já estava de cama quando os vizinhos levantaram o caixão do tamborete (...). No dia seguinte, uma irmã casada caiu de cama. Estava grávida. O homem, que tinha vestido o cunhado, caiu a seguir e morreu. Em oito dias os moradores de quatro casas do Cabouco do Salão estavam de mãos atadas e com terra por cima, incluindo o padre e o coveiro. (...)”⁷

A cerca de um século de distância do surto pestífero em questão, Vitorino Nemésio, em *"Mau Tempo no Canal"*, felizmente preservou, 'para memória futura', a vivência dramática desses 'anos de chumbo', que então marcaram e perturbaram tão profundamente o *modus vivendi* açoriano.

J. A. David de Moraes



J. A. David de Moraes licenciou-se, doutorou-se e fez a agregação em Medicina. É especialista em Medicina Interna, Infecção e Medicina Tropical. Na Universidade de Évora leccionou as disciplinas de Ecologia Humana, Parasitologia Humana e Antropologia Aplicada.



Notas ao texto:

1. Eis os "17 pilares": 1. A meteorologia e o Azorean torpor; 2. Margarida Dulmo; 3. O sotaque; 4. Árvores; 5. João Garcia; 6. Diogo Dulmo; 7. Barões da Urzelina; 8. Januário Garcia; 9. Roberto Clark; 10. Epílogo; 11. Cosmopolitismo; 12. Caça à baleia; 13. Livros; 14. Mariquinhas Estragada; 15. Ângelo Garcia; 16. O incêndio; 17. Cartografia e toponímia – Bruno Vieira Amaral, Francisco José Viegas. *Coisas exemplares que podem ser irritantes*. LER 2014, Fevereiro; nº 132, pp. 46-51.
2. J. A. David de Moraes. *A peste bubônica nos Açores no século XX. Estudo analítico a partir das estatísticas oficiais e do romance "Mau Tempo no Canal", de Vitorino Nemésio*. Atlântida (Instituto Açoriano de Cultura) 2011; 56, pp. 125-142.
3. Padre Ernesto Ferreira. *Antiguidade da poesia popular Açoriana*. *Açoreana* 1939; 2 (2): 119-125.
4. J. Agostinho. *Tectónica, sismicidade e vulcanismo das Ilhas dos Açores*. *Açoreana* 1935; (2), pp. 86-98.
5. "Medicina Contemporânea", 7 de Março de 1909, p. 74.
6. "Correio dos Açores", 7 de Dezembro de 1920, nº 179, p. 1.
7. Vitorino Nemésio. *Mau Tempo no Canal*. Lisboa: Relógio D'Água, 2008.



Fig. 1 – Óbitos por peste registados nos Açores em 1930-1949 (reproduzido de J. A. David de Moraes, 2011)²

A VIDA E OBRA DE ...



Maria Manuela Costa Rosa

Numa tentativa de remodelar o BI, este será o último artigo, sob esta temática.

Assim, numa homenagem à Prof.^a Maria Manuela Costa Rosa apresentamos os depoimentos de três das suas muitas amigas

A homenagem prestada à Maria Helena Figueiredo no BI nº 199, deixou-me emocionada e trouxe-me à lembrança a Dr.^a Maria Manuela Costa Rosa.

*Em boa hora a direção da DL pediu o meu testemunho para o próximo BI onde se prestará uma homenagem a quem também muito a merece! **O SONHO:***

Maria Manuela Rosa, em Luanda, teve como estagiária Maria Helena Figueiredo. Ambas criaram uma relação de grande amizade e confiança mútua, que continuou em Lisboa.

A Manuela foi a primeira a participar no sonho da Maria Helena: assistência aos Professores em várias situações de carências. Começa com um Centro de Acolhimento em Chelas que abre as suas portas em 1983!

*E o sonho continua com a criação de uma **ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES**.*

Manuela Rosa lutou por esta Causa com os seus colegas; fez parte da 1ª Assembleia Constituinte e da Comissão Organizadora. E a ideia concretizou-se com grandes dificul-

*dades, mas, sem desistências, em **1981 é criada a ASSP**. Manuela Rosa contribuiu ainda para a criação do **Voluntariado**. Em 2007 é eleita **Presidente da DL**, onde trabalhou incansavelmente.*

E continuou a ser uma mulher de causas. Era preciso uma casa dos professores condigna. Com a ajuda preciosa da Presidente da Direção Nacional, Dr.^a Conceição Vilhena, a obra está aí, em Carcavelos.

*Não esqueçamos o **SONHO** alimentado pela Dr.^a Manuela da Costa Rosa, que lutou por ele, pelo que lhe dou os meus **Parabéns***

*Maria Helena Oliveira Santos
(Associada nº 1154)*

*Sempre tive pela Manuela Costa Rosa carinho, respeito e admiração. Vou homenageá-la sob três aspetos: como Professora, Associada da **ASSP** e como Pessoa.*

*1. Conheci-a no Liceu de Oeiras. Na sua bata branca, a Manuela passava intervalos e tempos livres, no Laboratório, rodeada de alunos. Pessoalmente testemunho o trabalho de uma **grande Mestra**. Num 7 de junho, dia do feriado municipal de Oeiras, a Manuela foi louvada e*

agraciada pela Câmara Municipal, em sessão pública.

2. Nos tempos da fundação da ASSP, ela esteve desde a primeira hora na sua génese. Lançou os alicerces e ajudou-a a crescer, sempre ao seu serviço.

*A Manuela Rosa **dava e dava-se**.*

*3. Ainda hoje, com 85 anos, é **voluntária na organização e dinamização da Casa de Carcavelos**. Aqui tem sempre palavras amigas para as residentes. Leva-lhes afeto e revistas. A Manuela continua ativa. Pedimos a Deus que a mantenha assim connosco, durante muito tempo.*

*Alda Ribeiro Pereira
(Associada nº 4398)*

Conheço a Maria Manuela Costa Rosa há um ano quando por solicitação da Maria Helena Figueiredo um grupo de professores, nos quais me incluo passou a dar apoio na Biblioteca da Casa de Professores em Carcavelos. Desde o início que muito admiro a Manuela Rosa pelo seu dinamismo disponibilidade e verdadeiro sentido de trabalho de equipa. As suas maravilhosas qualidades humanas; sempre atenta aos problemas do dia-a-dia criaram numa relação de enorme amizade que muito prezo e lhe agradeço.

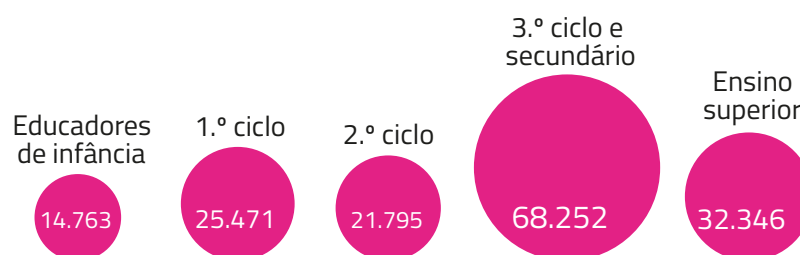
*Fernanda Madalena da Costa
(Associada nº 17224)*

A Direção da Delegação de Lisboa convida todos os Associados a visitarem o nosso SITE já remodelado.

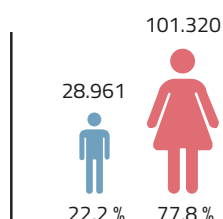
Mandem-nos o vosso email para receberem "O Acontecer".
Aproveitamos para desejar a todos
BOAS FÉRIAS

Os dados agora publicados pela Direcção-Geral das Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC), no relatório Perfil do Docente relativo ao ano lectivo 2014/2015, revelam um acentuado envelhecimento do corpo docente. Além deste, mostram, novamente, que o contingente de professores não tem parado de diminuir nos últimos anos. O número de professores de 2014/2015 é o mais baixo desde o início do século XXI, em todos os níveis de ensino. Nos últimos dez anos, verificou-se uma redução de mais de 42 mil professores (do pré-escolar aos ensinos básico e secundário) correspondendo a 25% de decréscimo desde 2004/2005. É no sector público que o fenómeno mais se faz sentir: os professores do ensino público representavam 91,5% do total (167 mil) há uma década e, no último ano lectivo, valiam menos 2,1 pontos percentuais.

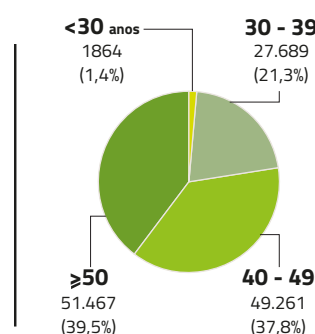
Por nível de ensino



Por sexo*



Por idades*



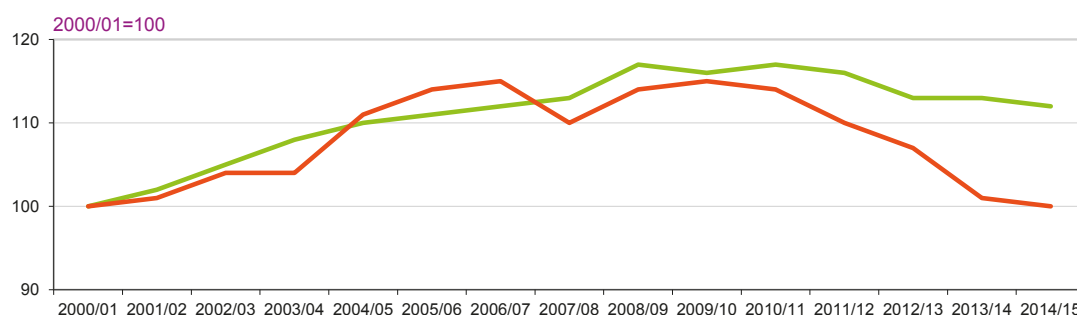
Por sistema de ensino*



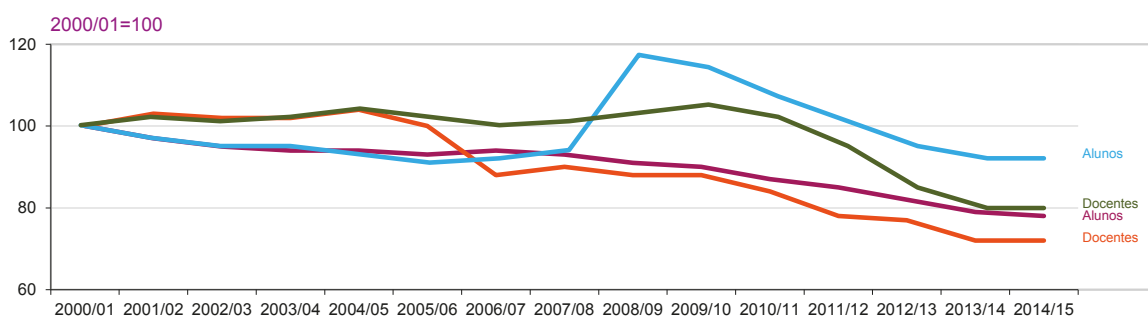
*Só ensino não superior

Fonte: Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência / jornal PÚBLICO

A diminuição do número de docentes está longe de corresponder à diminuição do número de discentes, segundo podemos concluir da análise dos seguintes



Educação pré-escolar



1.º Ciclo do ensino básico

Alunos
Docentes

2.º e 3.º Ciclos do ensino básico e ensino secundário

Alunos
Docentes

O stress que se vive nas Escolas também nasce aqui.

Herberto Hélдер

Poeta Português,
nascido na Madeira
considerado o maior poeta
da segunda metade
do SÉC XX.

No Sorriso Louco das Mães

No sorriso louco das mães batem as leves
gotas de chuva. Nas amadas
caras loucas batem e batem
os dedos amarelos das candeias.
Que balouçam. Que são puras.
Gotas e candeias puras. E as mães
aproximam-se soprando os dedos frios.
Seu corpo move-se
pelo meio dos ossos filiais, pelos tendões
e órgãos mergulhados,
e as calmas mães intrínsecas sentam-se
nas cabeças filiais.
Sentam-se, e estão ali num silêncio demorado e
apressado
vendo tudo,
e queimando as imagens, alimentando as
imagens
enquanto o amor é cada vez mais forte.
E bate-lhes nas caras, o amor leve.
O amor feroz.
E as mães são cada vez mais belas.
Pensam os filhos que elas levitam.
Flores violentas batem nas suas pálpebras.
Elas respiram ao alto e em baixo. São
silenciosas.
E a sua cara está no meio das gotas particulares
da chuva,
em volta das candeias. No contínuo

escorrer dos filhos.
As mães são as mais altas coisas
que os filhos criam, porque se colocam
na combustão dos filhos, porque
os filhos estão como invasores dentes-de-leão
no terreno das mães.
E as mães são poços de petróleo nas palavras dos
filhos,
e atiram-se, através deles, como jactos
para fora da terra.
E os filhos mergulham em escafandros no interior
de muitas águas,
e trazem as mães como polvos embrulhados nas
mãos
e na agudeza de toda a sua vida.
E o filho senta-se com a sua mãe à cabeceira da
mesa,
e através dele a mãe mexe aqui e ali,
nas chávenas e nos garfos.
E através da mãe o filho pensa
que nenhuma morte é possível e as águas
estão ligadas entre si
por meio da mão dele que toca a cara louca
da mãe que toca a mão pressentida do filho.
E por dentro do amor, até somente ser possível
amar tudo,
e ser possível tudo ser reencontrado por dentro do
amor.

Azulejaria de Portalegre

Portalegre é, ainda hoje, uma lição de História da Arte no campo da Azulejaria, e um agradável passeio para o turista. Sigamos nessa viagem:

Os exemplares mais antigos encontram-se na fachada sul da Igreja do Espírito Santo (azulejaria arcaica). São algumas cruzes em tons de verde, castanho e creme, uma composição feita à custa de azulejos de aresta retirados de outros lugares. No claustro da Sé Catedral também existem restos desta azulejaria.



Século XVI - Igreja do Espírito Santo,
Santa Casa da Misericórdia

Por influência dos ceramistas vindos da Flandres, Séc. XVI, altura em que se iniciavam os trabalhos da construção da Sé Catedral, segundo Luís Keil, "Foi o templo, no começo do Séc. XVII, todo revestido de silhares de azulejos policromos de "laçarias e rosas".



Século XVIII
Igreja do Senhor Jesus do Bonfim

Rumo ao Séc. XVIII, temos magníficos exemplares barrocos, intimamente ligados com as construções às quais estão adstritos. Falamos da azulejaria de interior, dos palácios Achaioli e Avilez e ainda os das Igrejas de S. Lourenço, Senhor Jesus do Bonfim, Sé Catedral e Convento de S. Bernardo.



Mosteiro de S. Bernardo

Grandes silhares de azulejos, azul e branco, cobrem as partes inferiores de escadarias ou salões e nos espaços de caráter religioso, por vezes, todo o interior com



Painel de rua

cenas de cariz palaciano ou religioso, respetivamente, acompanhados de elementos florais.

No Séc. XIX, a cidade conhece algum desenvolvimento económico e a azulejaria colocar-se-á ao serviço de outros: os comerciantes abastados cobrem as fachadas das suas habitações, bem como dos prédios de arrendamento, usando motivos padronados ou florais numa azulejaria cheia de brilho.

Mas a cidade continuou a crescer. No Séc. XX, na zona Este encontramos os melhores exemplares de azulejaria contemporânea, como os do Hospital Distrital.

Completamos esta brevíssima resenha, referindo outros marcos azulejares: painéis figurativos, registos, letreiros, painéis publicitários, e ainda azulejaria avulsa.

Bom passeio!

Isilda Garraio



Século XX - Hospital Distrital de Portalegre, atualmente designado por Hospital Doutor José Maria Grande

Inauguração do novo espaço na Delegação do **Açores**



A 2 de Julho foi inaugurado o novo espaço da Delegação dos Açores.

Reinou um ambiente de alegria, sentido de responsabilidade e de verdadeira solidariedade, neste momento importante na vida da Delegação, sempre muito dinâmica e acolhedora, como são as gentes destas ilhas.

Os representantes das entidades locais fizeram representar-se numa demonstração da importância que a ASSP assume na comunidade.

Estiveram presentes a Dr.^a Fabíola Cardoso, Diretora Regional da Educação, em representação de Sua Ex.^a o Presidente do Governo Regional, o Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Dr. José Manuel Bolieiro e o Presidente da Junta de Freguesia de S. José Jorge Oliveira. Ao tomarem a palavra todos enaltecem a importância da ASSP e prometeram todo o seu apoio às iniciativas futuras. Estiveram ainda presentes o Vice Presidente da Câmara Professor Fernando Fernandes e o Assessor do Governo Regional, Professor João Manuel Aguiar.

Na inauguração estiveram presentes inúmeros Associados e elementos da Direcção Nacional.

A Presidente da Direcção Nacional, Ana Maria Morais, depois de agradecer o convite da Delegação dos Açores, afirmou:

“ É a primeira vez que estou na ilha de S. Miguel. Já visitei ontem alguns locais e estou impressionada com a beleza do que vi.

Confesso que impressionada também fiquei com este novo espaço da ASSP (...) onde Impera o bom gosto aliado à funcionalidade. É um espaço amplo, aberto a todos os Associados, a todos os Professores e à Comunidade.

A ASSP e a Delegação dos Açores estão de parabéns.



Abordando alguns aspectos do desenho preliminar do Plano Estratégico para a ASSP apresentado pela DN, no último Conselho Nacional, Ana Maria Morais continuou:

“ É é aqui que a Delegação dos Açores tem um papel fundamental. Com a capacidade dinamizadora que tem demonstrado ao longo dos anos, acreditamos que esta Delegação é imprescindível na construção dessa nova dinâmica.

Uma das propostas de valor enumeradas no Plano Estratégico é a criação de um Projecto Nacional de Formação de Professores em e-learning que permitirá, principalmente em regiões geograficamente tão complexas como é o caso dos Açores, chegar a um maior número de Professores.

Contamos convosco para discutirmos ideias, ouvir sugestões, partilhar experiências e concretizar os Projectos que em conjunto iremos aprovar.

E termino, manifestando uma vez mais o prazer que é estar neste espaço, convosco, vendo o sorriso de entusiasmo no rosto de cada um.



Declaração da Direcção da Delegação dos Açores

“ A inauguração da ampliação do novo espaço da sede da Delegação dos Açores constituiu um momento importante da vida associativa, concretizando a nossa vontade de crescer por forma a desenvolver projetos e dinâmicas que envolvam um maior número de associados, as suas famílias e ocasionalmente a comunidade.

O espaço, agora ampliado, possibilitará múltiplas funcionalidades que se pretendem operacionalizadas com a acção de todos.

Sendo a ASSP uma Associação de Solidariedade de todos os Professores para todos os Professores, a Delegação Açores tem agora melhores condições para permitir a prática de acções e interacções recíprocas e manifestações de vida relacional que possibilitem

o emergir de sentimentos, de ensinamentos e de afetos. É nosso querer contribuir para uma melhor qualidade de vida dos nossos associados, possibilitando-lhes tempo e espaço para viver e conviver, partilhar e repartir, confiar e tolerar, ajudar-se a si e aos outros.

A Riqueza de uma sociedade está na sua capacidade de agregar e congrega as forças e competências do ser humano na realização de sonhos e projetos. Neste sentido, não nos conformamos e procuramos entender e responder com entusiasmo aos desafios, interesses e ao querer dos nossos associados.

E tal como Nelson Mandela, acreditamos que “Depois de termos conseguido subir a uma grande montanha, só descobrimos que existem ainda (outras) grandes montanhas para subir”.

A Delegação do Porto

renasce, como Fénix das suas cinzas!

Praça General Humberto Delgado, nº 267, salas 9, 10 e 11.

Temos muitas ideias
inovadoras para pôr
em prática...

Temos um projeto
arrojado para todas
as idades...

Temos sede da dele-
gação, no coração da
cidade, bem juntinho à
sede da edilidade, a
Câmara Municipal do
Porto



- 1 Entrada no
número 267
- 2 Janelas (4) das
salas 9, 10 e 11



O início da Avenida
dos Aliados, vista das
janelas da sede

Parafraseando Arquimedes de
Siracusa: dêem-nos um ponto
de apoio e levantaremos a
ASSP no Porto.

Mais notícias, brevemente perto de si, na página da ASSP,
no Facebook e em muitos outros meios de comunicação.

MÁRIO VIEGAS e o Teatro em SANTARÉM

(Santarém, 10.11.1948 – Lisboa, 1.4.1996)

Mário Viegas pisou pela primeira vez o palco, em Santarém, no Teatro Taborda, do Círculo Cultural Scalabitano, no dia 23 de dezembro de 1962, para representar o anjo Gabriel, na peça *Auto Infantil de Natal*, de António Couto Viana, dirigida artisticamente por Carlos Mendes.

Na sua *Auto-Photo Biografia* (não autorizada) regista o sonho que tinha em pisar o palco do Teatro Taborda, em Santarém, que tinha o nome de um dos grandes amigos do seu bisavô, o Ator Leoni. Até 1967, continuou a participar como ator nas peças encenadas por Florindo Custódio.

No I Encontro do Teatro Amador do Ribatejo, no dia 12 de Março de 1966, a secção de teatro do CCS apresentou a peça de Jean Anouhil, *Cecília ou a Escola de Pais*, encenada por Florindo Custódio e Virgílio Barrera e, ainda, *Trágico à Força*, de Anton Tchecov. Mário Viegas revelou-se no papel de Murashkin na peça de Anouhil e, no recital de poesia coreografado, com música de Carlos Paredes, disse ainda o poema "Um Adeus Português", de Alexandre O'Neill.

Em Maio de 1967, integrou o elenco das peças *Um Homem de Flor na Boca*, de Luigi Pirandello, e *O Doido e a Morte*, de Raul Brandão. António Mário Viegas impressionou e entusiasmou o público de Santarém merecendo as seguintes palavras de Edmundo Vaz Mourão:

"...Admirável foi a intervenção

deste jovem universitário [...] Há em António Viegas uma força expressiva espantosa [...] Adivinha-se nele uma intuição prodigiosa, acautelada por um trabalho sério...". O Círculo Cultural foi a Vale de Figueira, em Agosto de 1967 exibir as suas peças, onde se incluía o recital de poesia por Mário Viegas mas não chegou a realizar-se, por proibição pela PIDE.

Mário Viegas apresentando-se no palco do Teatro Taborda do Círculo Cultural cumpria o seu sonho. Tais experiências impulsionaram a sua inscrição, em 1967/68, no Curso de Arte de Dizer do professor Carlos de Sousa, em completo sigilo, pois estava oficialmente em Lisboa para se licenciar em História.

Luísa Teixeira Barbosa,
Associada n.º 20247,
Lic. em Antropologia,
Mestre em História e Cultura do Brasil.



DEM CHEGANDO O OUTONO

Mais um Verão passou.

Os raios enviados do sol, as frescas neblinas matinais, algumas folhas esvoaçantes avisam-nos de que o Outono está a chegar.

A azáfama escolar vai recomeçar.

Um novo ciclo se inicia.

Para os Professores que foram, um mundo de saudades.

Para os Professores que são, um mundo de expectativas.

Para os Pais a responsabilidade de orientarem os filhos, no respeito pela Escola que os prepara e forma para o futuro.

Oxalá estes o saibam fazer...

OUTONO

Tarde pintada

Por não sei que pintor.

Nunca vi tanta cor

Tão colorida!

Se é de morte ou de vida,

Não é comigo.

Eu, simplesmente, digo

Que há fantasia

Neste dia,

Que o mundo me parece

Vestido por ciganas adivinhas,

E que gosto de o ver, e me apetece

Ter folhas, como as vinhas.

Miguel Torga

"Cidades Invisíveis"

de Maria de Barros Abreu,

no Centenário do Museu Nacional Grão Vasco.

24 de Setembro 2016 > 8 de Janeiro 2017

O Museu Nacional Grão Vasco comemora, no corrente ano de 2016, os cem anos da sua fundação. Para festejar tão importante efeméride preparou uma diversificada programação, integrando uma série de iniciativas que pensamos ser notável, e cujo objetivo primordial é o de catapultar Viseu, cidade e região, para a ribalta dos acontecimentos culturais e artísticos mais marcantes do País.

O Museu tem vindo a constituir-se, neste ano emblemático, como um dos instrumentos privilegiados para a transformação de Viseu na terceira cidade de cultura em Portugal, objetivo este que unanimemente reconhecemos estratégico para a valorização dos nossos próprios recursos e para a divulgação das nossas capacidades e competências em todos os setores da atividade económica, social e cultural, de âmbito regional, mas com expressão e impacto nacional e internacional.

Entre as mais de cinquenta iniciativas programadas, a desenvolver ao longo de todo o ano, destacamos aqui a exposição temporária "Cidades Invisíveis" de Maria Barros Abreu, numa feliz parceria com a Galeria de Arte de Viseu, ArtG, e que estará patente ao público de 24 de Setembro a 8 de Janeiro de 2017.

A artista plástica viseense Maria de Barros Abreu pretende, nesta exposição, "transmitir a ideia de espaços cidades, através de um movimento criador com formas audaciosas de reinventar o tempo e o espaço partilhado e comum". Dotada de uma extraordinária sensibilidade

artística, com justo e merecido reconhecimento já a nível internacional, é-nos grato constatar ainda que esta artista também colabora com a ASSP – Associação de Solidariedade Social dos Professores (Delegação de Viseu) onde dá aulas de pintura, dando-nos boa nota do seu carácter de mulher e artista profundamente empenhada nas causas maiores da solidariedade, como é o caso de todos os membros desta importante associação.

É, pois, com redobrado regozijo e congratulação que o Museu Nacional

Grão Vasco abre as suas instalações e empresta o seu nome de instituição de cultura de referência local, regional e nacional a esta brilhante artista plástica viseense, por considerarmos que é também nossa missão promover todo o nosso potencial endógeno, bem exemplificado na já magnífica obra de Maria de Barros Abreu.





Convocatória (AOS DELEGADOS)

Para cumprimento do disposto na alínea c3 do n.º 2 do Artº 31º dos Estatutos da ASSP, convocam-se os Delegados para uma Reunião Ordinária da Assembleia Nacional de Delegados, a realizar no dia 26 de Novembro de 2016, pelas 10:00h, em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos

1. Plano de Desenvolvimento da ASSP a médio e a longo prazo: Plano Estratégico.
2. Plano de Actividades e Orçamento para 2017.
3. Herança deixada à ASSP pelo do Sr. Eng. Correia de Barros.
4. Recursos Humanos da ASSP
 - 4.1 Alterações ao Regulamento de Avaliação dos Funcionários da ASSP.
 - 4.2 Plano de Formação
5. Registo do nome de Estruturas da ASSP no Instituto Nacional da Propriedade Industrial.
6. Informações.

Se à hora marcada não estiverem presentes ou representados mais de metade dos Delegados, fica a mesma marcada para meia hora depois, no mesmo local, com qualquer número de presentes.

O Presidente da Mesa da Assembleia Nacional de Delegados

Miguel Vilhena

Convocatória (AOS ASSOCIADOS)

Para cumprimento do disposto na alínea c do n.º 1 do artº 51º dos Estatutos da ASSP, convocam-se as Assembleias de Associados para definição das linhas de orientação a seguir pelos Delegados na Assembleia Nacional de Delegados marcada para 26 de Novembro de 2016, em Lisboa.

A Ordem de Trabalhos destas Assembleias é idêntica à da AND.

Se à hora marcada não estiverem presentes mais de metade dos associados da Delegação, fica a mesma marcada para meia hora depois, no mesmo local.

Os Presidentes das Delegações

Delegação	Data	Hora	Local
Açores	21 /11	15.00	Sede da Delegação
Algarve	22/11	15.00	Sede da Delegação
Aveiro	21/11	15.00	Sede da Delegação
Beja	16/11	15.30	Sede da Delegação
Coimbra	23/11	17.00	Sede da Delegação
Évora	22/11	16.00	Sede da Delegação
Guimarães	16/11	17.30	Sede da Delegação
Leiria	22/11	15.00	Sede da Delegação
Lisboa	22/11	14.30	Sede da Delegação
Madeira	21/11	17.00	Sede da Delegação
Portalegre	23/11	17.30	Sede da Delegação
Porto	22/11	14.30	Sede da Delegação*
Santarém	15/11	16.00	Sede da Delegação
Setúbal	22/11	17.00	Sede da Delegação
Viseu	21/11	15.00	Sede da Delegação

*Novas Instalações
Praça General Humberto Delgado,
nº 267, salas 9, 10 e 11
4000-288 Porto